



## A REVISTA DIGITAL: UMA ANÁLISE EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

Aguinaldo Gomes de Souza (UNIVISA)<sup>1</sup>  
aguinaldogomes@univisa.edu.br

**Resumo:** Neste trabalho analisamos e descrevemos a produção de revistas digitais por estudantes do ensino médio como uma abordagem dialógica no ensino de língua portuguesa. O estudo analisa a diversidade de gêneros discursivos presentes em uma revista digital, bem como as marcas linguísticas e os elementos extralinguísticos que os constituem. Em relação a metodologia, baseamo-nos na perspectiva de análise da linguagem do círculo de Bakhtin e utilizamos o método dialógico discursivo para desvelar as relações dialógicas materializadas em forma de textos na revista. A análise revela que a revista é carregada de recursos multimodais, como imagens, vídeos e áudios, para enriquecer a comunicação e a interação com os leitores. O estudo aponta para a eficácia da abordagem de trabalho com gêneros da esfera digital em sala de aula, proporcionando o desenvolvimento de habilidades linguísticas e uma compreensão mais ampla da língua como prática social. O estudo também destaca a escolha consciente dos gêneros e o uso de tecnologias digitais como elementos relevantes para a prática pedagógica, nesse sentido, é possível dizer que um trabalho com o descrito, contribui para a compreensão das práticas sociais e das relações humanas mediadas pela linguagem no ambiente educacional digital.

**Palavras-chave:** teoria dialógica; revista digital; gêneros

**Abstract:** In this work we analyze and describe the production of digital magazines by high school students as an innovative approach in the teaching of Portuguese language. The study analyzes the diversity of discursive genres present in a digital magazine, as well as the linguistic marks and the extralinguistic elements that constitute them. Regarding the methodology, we base ourselves on the perspective of language analysis of the Bakhtin circle and use the dialogical discursive method to unveil the dialogical relations between the texts of the magazine. The analysis reveals that the magazine is loaded with multimodal resources, such as images, videos and audios, to enrich the communication and interaction with the readers. The study points to the effectiveness of the approach of working with genres of the digital sphere in the classroom, providing not only the development of linguistic skills, but also a broader understanding of language as a social practice. The study also highlights the conscious choice of genres and the use of digital technologies as relevant elements for the pedagogical practice, in this sense, it is possible to say that a work of this nature contributes to the understanding of social practices and human relations mediated by language in the digital educational environment.

**Keywords:** dialogical theory; digital magazine; genres

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UFPE. Docente no Departamento de Letras da UNIVISA atuando na Graduação e Pós-Graduação.



## Introdução

No universo cada vez mais digitalizado da educação, a produção de revistas digitais por estudantes ganha destaque como uma abordagem inovadora e participativa no ensino de língua portuguesa. Neste trabalho, exploraremos a variedade de gêneros discursivos que permeiam uma revista digital, considerando como esses gêneros são construídos por sujeitos historicamente situados. Trata-se de uma investigação que tem como objetivo analisar e descrever as marcas linguísticas deixadas em uma revista digital e como os elementos linguísticos e extralinguísticos se articulam na construção de gêneros discursivos. Nossa proposta de análise é inspirada na virada linguística antecipada por Wittgenstein (2001) e que trouxe contribuições valiosas para o estudo da língua e da linguagem.

O referencial teórico e conceitual desta pesquisa se baseia na perspectiva de análise da linguagem vista no círculo de Bakhtin (1997, 1993), especialmente nos conceitos de "esferas", "discurso" e "atividade". Para Bakhtin (1981), as esferas são instâncias comunicativas nas quais circulam diversos gêneros discursivos, que realizam diferentes funções, mas que têm em comum o fato de compartilhar objetivos sociais. O discurso é sempre situado em um espaço/tempo específico e é marcado pela dialogicidade. A atividade se relaciona com a ação linguística que os sujeitos realizam em uma determinada esfera social, usando os gêneros discursivos como instrumentos comunicacionais.

Os gêneros discursivos são objetos de estudo no Brasil há muito tempo. Desde a década de 1990, o MEC recomenda o trabalho com os gêneros nos parâmetros curriculares nacionais. No entanto, uma proposta baseada na perspectiva dos estudos dos gêneros, tal como preconizada nos parâmetros curriculares nacionais, não é homogênea. Conforme Souza (2015), a diversidade e a singularidade dos gêneros impedem a aplicação de uma metodologia única para todos eles.

Assim, nosso trabalho se foca na análise de como os gêneros digitais podem ser utilizados nas salas de aula em contextos específicos, observando como sujeitos situados em um tempo e espaço determinado fazem uso desses gêneros para produzir ações linguísticas. Nesse intento, assumimos no decorrer dessa pesquisa algumas posições teórico-metodológicas. A primeira diz respeito ao entendimento de que as revistas digitais são suportes para gêneros diversos. Tal posicionamento encontra ressonância em nossos trabalhos anteriores (Souza 2015, 2017, 2018) sobre a técnica informática e os usos da técnica por sujeitos historicamente situados.



A discussão sobre a técnica informática torna-se relevante no sentido de que é o instrumental da técnica informática que permite o aparecimento do que chamamos de gêneros da esfera digital, ou gêneros digitais. No tocante aos aspectos metodológicos, para a construção de nossas investigações, optamos pelo método dialógico discursivo.

Trata-se de um método de análise baseado na filosofia primeira de Bakhtin (1993), no qual se considera o texto como um enunciado concreto situado sócio-historicamente e marcado pela interação de diferentes vozes, perspectivas e ideologias. A partir do método dialógico discursivo, é possível desvelar as relações dialógicas que se estabelecem entre os textos. Trata-se, portanto, nas palavras de Sampaio (2006), de uma forma de conhecimento de sujeitos sociais via discurso. Esse método busca identificar as particularidades discursivas que constituem as situações em que linguagem e atividades se interpenetram mutuamente e se interdefinem, permitindo assim uma compreensão mais profunda das práticas sociais e das relações humanas (Porto, 2010).

Na aplicação do método dialógico discursivo, é preciso voltar a algumas categorias constitutivas da teoria dialógica de Bakhtin (1997, 1993), tais como: o tema do enunciado, o tom, o propósito comunicativo, os gêneros, as relações dialógicas, etc. Em seguida, é necessário que o analista, a partir dessa compreensão dialógica, estabeleça articulação em busca dos sentidos da linguagem; por fim, é necessário interpretar as possíveis ressonâncias, contradições e tensões dialógicas presentes no material analisado. Nesse sentido, é importante frisar que o método dialógico discursivo é uma forma de compreender o texto como um fenômeno vivo, dinâmico e complexo, que reflete e transforma a realidade social e cultural em que se insere. Esse método requer uma postura crítica e reflexiva do analista em relação ao objeto e deve estar atento às múltiplas vozes que se manifestam no texto e às implicações éticas de sua análise.

Para análise das materialidades linguísticas presentes na revista digital, fundamentamos nossa investigação em alguns passos. Inicialmente, fizemos a coleta de dados discursivos relevantes para análise, o que inclui as marcas linguísticas deixadas pelos sujeitos na construção da revista. Em seguida, focalizamos nossa análise nas identificações de categorias que poderiam nos servir de base para o método dialógico discursivo. Essas categorias incluem conceitos como alteridade, ser evento, ato responsável e responsivo, memória, significação e tema, compreensão ativa e acento apreciativo. Em seguida, fizemos uma análise qualitativa dos dados, buscando compreender as nuances discursivas que constituem o material analisado, o



que implica a análise das relações dialógicas que se interpenetram nos gêneros contidos na revista. Por fim, buscamos analisar e descrever, a partir de uma postura reflexiva e crítica, as múltiplas vozes envolvidas no fazer da revista.

### **1. Caracterização do ambiente de análise**

Para realizar este estudo, analisamos e descrevemos uma revista construída por estudantes do ensino médio de uma escola técnica estadual em Pernambuco. Essa escola, parte da rede estadual de ensino, segue um modelo de ensino em tempo integral e está alinhada com o currículo do novo ensino médio. A revista em questão foi construída dentro de uma disciplina específica do novo ensino médio, chamada Laboratório de Aprendizagem da Língua Portuguesa. Nessa disciplina, os alunos são incentivados a desenvolver e aplicar estratégias linguísticas de forma participativa, criando um ambiente onde a teoria e a prática se entrelaçam para proporcionar uma experiência de aprendizado mais integrada e eficaz.

A ideia de criar uma revista digital estava no cerne da estruturação da disciplina de Laboratório. Conforme a ementa da disciplina, ao iniciar as aulas, o professor apresentou brevemente o que os estudantes deveriam esperar da disciplina, esboçando os objetivos que esperava alcançar. As aulas ocorreram em um espaço especial chamado 'sala de linguagens', onde os alunos tinham acesso à internet e uma infraestrutura mais avançada em comparação com as salas de aula tradicionais.

Como pesquisador, nosso objetivo era avaliar a construção da revista online e verificar se os critérios estabelecidos por Shetzer e Warschauer (2000), citados por Lima e Araújo (2011), estavam e poderiam ser percebidos nas marcas linguísticas deixadas durante o processo da revista. Esses critérios, fundamentais para o trabalho colaborativo, incluem: a) habilidade de comunicação, que se refere à capacidade do indivíduo de se conectar com outros, escolhendo a tecnologia mais apropriada para atingir seus objetivos comunicativos; b) habilidade de construção, relacionada à aptidão para criar e gerenciar páginas e sites na web, além de manipular tecnologias hipertextuais; e c) habilidade de pesquisa, que envolve a capacidade de localizar, organizar e utilizar informações disponíveis na web, sempre citando e atribuindo crédito às fontes originais.



Após a verificação dos critérios estabelecidos, voltamos nossa atenção para a estruturação da revista. Formaram-se diversas equipes com funções específicas: uma dedicada à construção de textos multimodais para serem inseridos na revista; uma equipe de pesquisa responsável pelas pautas da revista; um grupo encarregado dos aspectos técnicos; e, finalmente, uma equipe responsável pela revisão dos produtos (textos, vídeos, áudios etc.) que seriam incluídos na revista.

A escolha da plataforma para aportar a revista é um fator determinante para a própria constituição dos gêneros que serão disponibilizados. A plataforma escolhida foi o Google Site, uma vez que os alunos possuíam acesso ao Google Educação oferecido pelo Governo do Estado aos estudantes da rede.

A revista foi criada com a tecnologia do Google Sites, conforme podemos ver na imagem 01 abaixo. A imagem 01 mostra a capa da revista digital, elaborada pelos alunos com o tema "Cultura e diversidade". A capa contém o título da revista, o nome dos autores, o ano de publicação e uma imagem ilustrativa.

A revista foi organizada em seções, que podem ser acessadas pelo menu que fica no topo da página. As seções são: 2A redes, 2B redes, 2A log, 2B log, Sobre a ETE Maximiano, Podcast Etecopa, Editorial, Artigos, Entrevistas. Cada seção apresenta textos produzidos pelos alunos, utilizando diferentes gêneros discursivos da esfera digital. Os textos abordam temas variados, como música, cinema, literatura, arte, educação, política, meio ambiente, entre outros. Os textos também contam com recursos multimodais, como imagens, vídeos, áudios, links, etc., que enriquecem a comunicação e a interação com os leitores, conforme podemos verificar na imagem 01 abaixo.

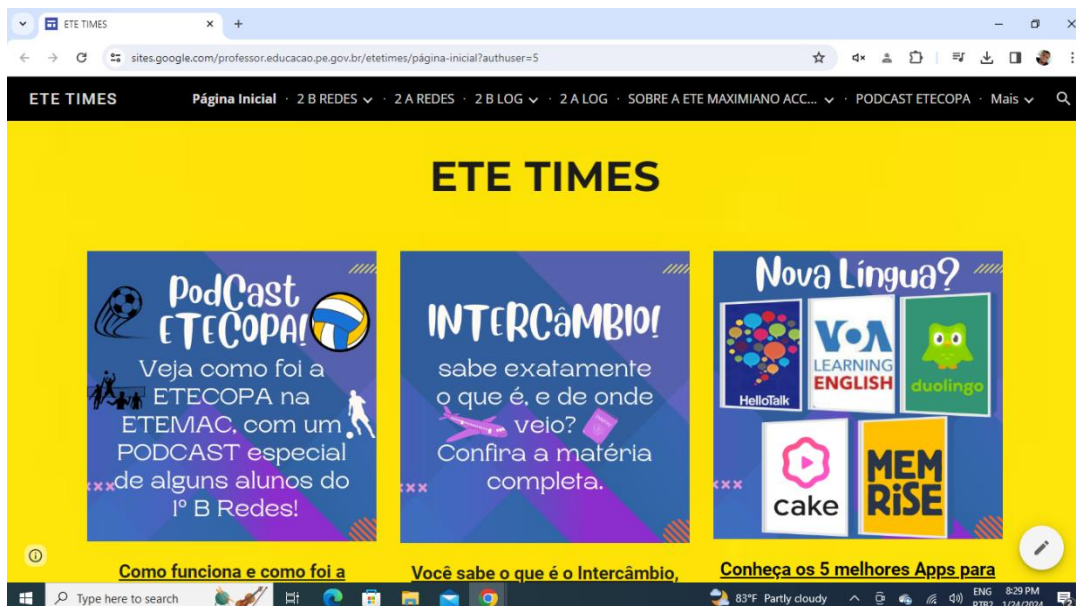


Imagem 01

O Google Educação, também conhecido como Google for Education, é uma iniciativa do Google que disponibiliza uma gama de recursos online para professores e estudantes. Entre esses recursos, inclui-se o Google Workspace for Education, um conjunto de ferramentas que abrange o Google Docs, Sheets, Sites e outros, permitindo a criação, colaboração e edição de arquivos. Além disso, há o Google Meet, uma plataforma que possibilita a colaboração entre professores, alunos e administradores de qualquer lugar. O Google for Education também fornece dispositivos avançados, porém de fácil utilização, para todos na escola, garantindo a proteção desses dispositivos por meio de atualizações automáticas em segundo plano, trata-se, portanto, de uma ferramenta adequada a um trabalho linguístico em sala de aula.

## 2. O sentido de ‘presença’ no fazer da revista

A linguagem, historicamente, sempre esteve a serviço do pensamento participativo e dos atos realizados, conforme Bakhtin (1993) demonstra em "Para uma Filosofia do Ato". A partir dessa premissa, podemos afirmar que os atos realizados durante a construção de uma revista eletrônica na esfera escolar só podem ser compreendidos se levarmos em conta o



conjunto enunciativo do que é produzido nos momentos de confronto com os sujeitos sociais que participam do projeto em construção.

A significação desses enunciados é o que nos possibilita interpretar os atos. Segundo Bakhtin/Volochínov (1995, p.131), a significação "não quer dizer em si mesma; ela é apenas um potencial, uma possibilidade de significar no interior de um tema concreto". O acento apreciativo da enunciação produzida na elaboração da revista nos faz compreender a construção do trabalho como responsiva, um evento concreto em que a presença de sujeitos situados historicamente nos permite ver as possibilidades dadas por esse tipo de trabalho iniciado na disciplina de Laboratório de Aprendizagem. Nesse sentido, é importante destacar a presença desses sujeitos que se deixam desvelar nas materialidades linguísticas contidas na revista online.

A presença, como nos indica, surge como uma possibilidade de verificar os atos vividos pelos participantes do trabalho de execução da revista. Nesse ponto, é possível analisar e descrever as situações de interação real, que se materializam na revista e que podem desvelar as práticas linguísticas em sala de aula. Tais práticas se articulam com as práticas sociais recorrentes na sociedade, como mostra Souza (2020).

A relação implica em presença, e presença implica em reciprocidade na atualização do fenômeno. Nas palavras de Buber (2001, p. 18): "relação é reciprocidade. Meu TU atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele". É por meio das palavras-princípio que os modos da existência são atualizados. O eu-tu, em Buber (2001) aponta para a ontologia da presença e a totalidade da presença fundamenta a relação ontológica (Souza 2020, p. 46)

A reciprocidade no trabalho é um conceito que se refere à troca mútua de benefícios entre os participantes. Em outras palavras, a reciprocidade surge quando os membros do grupo compreendem que a divisão dos cargos e funções ocorre a partir das aptidões de cada um. Isso permite que os estudantes tenham um contato melhor com os textos da esfera jornalística, que são importantes para o exercício da cidadania, pois essa esfera é uma fonte primária de valores, tornando-se um instrumento crucial para o sujeito histórico se situar e se inserir na vida social e profissional, conforme aponta Faria (2003).

A indicação formal aqui é de que a possibilidade de construir algo coletivamente exige, em certo sentido, um sentimento de pertencimento. Isso nos revela que a presença, como



Heidegger (2009) verificou, se determina como ente sempre a partir de uma possibilidade que ela é e, de algum modo, ela se compreende em seu ser. A presença é uma forma de ser-no-mundo que envolve a compreensão do ser humano como Ser-aí, implicando a compreensão de espacialidade, temporalidade e corporeidade nos atos e relações humanas.

Sobral (2005) afirma que todos os atos possuem alguns elementos em comum: um sujeito que age, um lugar em que esse sujeito age e um momento em que age. Esses elementos são aplicáveis tanto aos atos realizados na presença de outros sujeitos como aos atos realizados sem a presença de outros sujeitos, aos atos cognitivos que não tenham expressão linguística, entre outros. Além disso, o ato responsável é sempre materializado na palavra, o que equivale a dizer, no texto e no discurso, como afirma Sampaio (2009).

Ao analisarmos a revista, fruto das aulas de laboratório, o local onde esses atos se realizam, ou seja, o lugar que permite aos sujeitos realizarem atos discursivos com ou sem a presença de outros sujeitos, podemos identificar algumas particularidades constitutivas e inerentes ao fazer.

Os atos languageiros produzidos e materializados a partir de gêneros discursivos e circunscritos dentro da revista se relacionam de certa forma com a manifestação de algo maior: o exercício da cidadania que se anuncia a partir do fazer discente. De acordo com Heidegger (2009, p. 68), “a manifestação de alguma coisa não significa um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar de algo que não se mostra através de algo que se mostra”. Isso é interessante porque nos leva a uma questão fundamental: podemos dizer que os sentidos dos atos discursivos e dos gêneros na revista em questão são renovados no acontecimento próprio do fenômeno.

Essa renovação acontece desde a escolha dos temas que comporão a revista até o estilo do enunciado que cada gênero carregará. Como observado em Souza (2015), fazer uma revista em sala de aula não é apenas uma atividade de produzir textos, de usar gêneros, é a chance que o sujeito tem de se constituir como sujeito no/da linguagem experimentando um trabalho com a linguagem, que, embora seja simulacro de uma esfera humana, a jornalística, constitui-se como o campo de atuação mais próximo que o estudante terá em sala de aula de uma prática de escrita que existe socialmente.





Nesse sentido, é preciso dizer com Bakhtin que todas as esferas da vida humana, de alguma forma, estão sempre relacionadas com o uso da língua. E não é de surpreender que a heterogeneidade, as tensões e contradições que esses usos promovem não estejam de certo modo relacionadas com as próprias esferas da atividade humana. Desse ponto de vista, as questões relacionadas com esses usos, como a escolha de um ou outro gênero discurso, emergem como fundamento nuclear para os próprios significados relacionados com o fazer de uma revista eletrônica.

### **3. A escolha dos gêneros discursivos e a construção de sentidos**

A revista eletrônica é o local ideal para a manifestação de diversos gêneros. A manifestação de algo, conforme Heidegger (2009), não significa um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar de algo que se revela através de algo que se apresenta. Nessa direção, a escolha dos gêneros feita pelos estudantes antecipa os sentidos que buscam revelar. Pode-se dizer que os sentidos pretendidos são atualizados no próprio processo de escolha dos gêneros. A ideia de sentido aqui refere-se ao fato de que ao utilizar um determinado gênero é possível perceber determinados sentidos, como ocorre em uma publicidade que busca revelar os sentidos de uma venda, ou em um artigo de opinião que deixa transparecer os sentidos e apreciações sobre determinado assunto ou questão. No ambiente digital, os sentidos são construídos e operados de forma conjunta com uma série de linguagens, como mostram Araujo e Diebe (2014, p.44): "ao fazer uso da tecnologia, tanto pode reforçar como alterar as estruturas institucionalizadas, em consonância com as regras e pressupostos estabelecidos no contexto dessas estruturas".

De certo modo, a escolha de um ou outro gênero para ser incluído em uma revista disponível na internet é permeada pela sensação de que a internet leva a escola para fora da escola. Dessa forma, os temas e as temáticas tratados pelos sujeitos historicamente situados estão alinhados com a ideia de que as práticas de escrita não ficarão circunscritas apenas ao ambiente escolar. Essas práticas são como a palavra, tal como vista em Bakhtin/Volochínov (1995, p.112): ela se dirige sempre a um interlocutor; ela é função da natureza desse interlocutor. O mundo interior e as reflexões de cada indivíduo têm um auditório social próprio, bem determinado, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações,



apreciações. É assim que um dos primeiros gêneros a serem desenvolvidos e alocados dentro da revista eletrônica refere-se a um evento vivenciado no interior da escola, o chamado Halloween, conforme podemos verificar na imagem 02 abaixo.



Imagem 02

É interessante notar que a enunciação que abre a notícia (imagem 02) sobre o Halloween desempenha um papel significativo na interação com os pares. Em "Para uma Filosofia do Ato", Bakhtin (1990) destaca que todo ato é encarnado por uma consciência viva e vive nele como um evento em processo. Essa concepção está imbuída na ideia de que todo ato é movido por uma relação dialógica. Assim, compreendemos o termo "Bom" não apenas como um advérbio, mas como algo que desempenha um papel significativo na interação linguística. Nesse contexto, a palavra "Bom" não é apenas um marcador temporal ou introdutório, mas também expressa uma atitude do falante em relação ao que será dito a seguir. Ela estabelece uma conexão com um interlocutor imaginário ou real, criando uma atmosfera de diálogo.

De acordo com Souza (2015), o trabalho com textos e gêneros em situações reais de uso tem como uma de suas particularidades o envolvimento do estudante com a produção textual. O texto não é mais escrito apenas para ser avaliado pelo professor, mas sim para ser lido por uma comunidade maior. Além disso, o texto é escrito e reescrito quantas vezes forem



necessárias e é corrigido por pares. Esse trabalho linguístico é baseado na interação, em que a língua é vista como um fenômeno heterogêneo que se manifesta de diferentes formas: variável, histórico e social. Essa concepção de língua é fruto de práticas sociais e históricas. Nesse sentido, o trabalho com a língua está submetido a condições de produção, o que significa que a heterogeneidade e a escolha de um ou outro gênero são fundamentais para a concepção de língua.

Trabalhar com gêneros dentro da proposta apresentada no laboratório de aprendizagem é ter consciência de que os gêneros escolhidos para serem tratados, elaborados e reelaborados pelos estudantes não devem ser circunscritos à ideia de que o que é produzido será avaliado apenas pelo professor da disciplina. Ao contrário, o contrato feito entre o educador e os discentes coloca em evidência a necessidade de se atentar para o fato de que a construção iniciada na disciplina será vista também fora dos muros da escola. Trata-se de um trabalho linguístico pautado na interação dialógica, onde o fenômeno analisado é, de certo modo, heterogêneo. É imbuído desse pensamento que os estudantes, durante o processo de produção da revista, são deixados livres para escolherem o melhor gênero que se adeque às suas necessidades. Nesse ponto, um dos gêneros trabalhados pelos estudantes diz respeito à charge, conforme podemos verificar na imagem 03.

A escolha específica da charge como um dos gêneros trabalhados destaca a diversidade de formas de expressão presentes na revista digital. Esse gênero, conhecido por sua capacidade de transmitir mensagens de maneira concisa e impactante, adiciona uma dimensão visual e crítica à produção dos estudantes. A imagem 03, que acompanha essa descrição, provavelmente oferecerá uma representação visual das charges incorporadas à revista, reforçando a natureza multimodal da produção linguística neste contexto educacional.

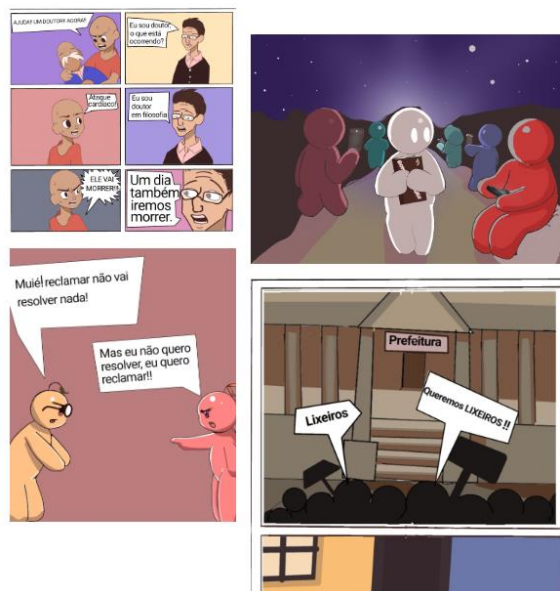


Imagem 03

A escolha de um ou outro gênero para ser trabalhado no laboratório de aprendizagem pode, em certa medida, ser considerada um ato participativo materializado pelas escolhas linguísticas, pela palavra dialógica. Esses atos, essas escolhas são direcionados ao outro, que se constitui como alteridade constitutiva da relação. O trabalho em equipe proporcionado pelas práticas na disciplina de laboratório de aprendizagem configura-se como um espaço onde o eu e o outro, em uma relação dialógica, executam ações com vistas a um objetivo comum. Nessa direção, ao analisarmos a revista digital, podemos verificar que nela a disposição espacial dos objetos, dos signos, parece seguir uma certa lógica do digital. Os menus estão bem esquematizados, as imagens possuem links e tudo isso nos demonstra que o ser-sujeito de linguagem que construiu esse ambiente possui o que chamamos de letramento digital.

Letramento é aqui entendido com Kress (2010, p.4), ou seja, como "práticas em constante mudança por meio das quais as pessoas produzem sentidos identificáveis usando tecnologias digitais". Na construção da revista digital, fazer uso do instrumental da técnica informática é primordial. Saber operar com um software, verificar seus usos e atentar para as suas limitações constitui-se como fator preponderante para o sucesso do trabalho em equipe. Os gêneros produzidos durante o laboratório de aprendizagem deveriam ser alocados dentro de um suporte específico, a revista digital. Esse suporte, de certo modo, limita a constituição do



próprio gênero. Como mostrou Souza (2015), os gêneros quando se fixam em suportes que estão em ambiente digital sofrem destas grandes influências a ponto de serem identificados na relação que mantêm com eles.

### **Considerações finais**

Um dos problemas que o ensino de língua portuguesa nas escolas enfrenta é o método e a técnica. Saber como ensinar e a partir de que perspectiva ensinar a língua é um dos fatores que causam maior dificuldade ao profissional das letras. Nesse sentido, Marcuschi (2008) já destacava a ideia de que introduzir texto em ambiente escolar sem mudar as formas de acesso ou mesmo as categorias de análise não rende muitos dividendos. Na incursão que fizemos, verificamos que a abordagem de trabalho com a língua em situações de usos sociais parece ser bem promissora, não apenas no desenvolvimento das habilidades linguísticas, mas também na promoção de uma compreensão mais ampla da língua como prática social. A integração de escolhas linguísticas, a construção de sentidos e a colaboração entre os participantes tornam-se elementos essenciais para uma abordagem eficaz e significativa no ensino de língua portuguesa. A prática analisada parece estar em consonância com o que preconizam os parâmetros curriculares nacionais.

Desse modo, tal como afirma Fonseca (1984, p. 260), o ensino deve “preparar o aluno para a produção ágil dos seus discursos e para a avaliação crítica de discursos alheios”. A concepção de língua arraigada nessa atividade vista na disciplina de laboratório de aprendizagem está diretamente correlacionada com a concepção de língua enquanto conjunto de práticas sociais e discursivas. É importante frisar que tal concepção em nenhum momento foi alvo de explicação teórica por parte do professor para os estudantes. O trabalho com gêneros da esfera digital deu significância ao projeto, trouxe a língua para uma realidade mais próxima dos estudantes.

Tal como mostrou Bakhtin (1997) em *Estética da Criação Verbal*, a riqueza e a variedade dos gêneros são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável. Nesse sentido, a produção de textos e gêneros diversos se constituiu enquanto um local privilegiado para o aprendizado da língua. De fato, alguns gêneros trabalhados durante o



laboratório, a exemplo da charge, parecem carregar mais elementos não verbais do que verbais, e isso de certo modo acabou limitando o exercício da escrita. Se limitou por um lado, por outro serviu como mote para que o professor explicasse que os textos e gêneros possuem propósitos comunicativos ímpares e que os gêneros são instrumentos sócio-históricos e servem para determinados fins. A proposta de trabalho com a revista pode ser descrita como uma atividade que permite aos estudantes o uso de escolhas linguísticas que se manifestam a partir de gêneros diversos. Nesse sentido, é importante ressaltar as palavras de Marcuschi (2008, p.13) quando afirma que “a sala de aula constitui um grande laboratório de investigação, onde conhecer não é um ato individual, mas uma ação colaborativa”.

### Referências

ARAÚJO, J.C; Dieb, Messias. **Tecnologia digital e agência: Ressignificando A Tarefa Da Escrita Escolar**. Revista da Anpoll n°37,p.37-55, Florianópolis, Jul./Dez. 2014

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V.N.). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 7ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995. [1929]

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal. Os gêneros do discurso**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

\_\_\_\_\_. **Para uma filosofia do ato**. Trad. da ed. Americana Toward a Philosophy of the Act. Austin: University of Texas Press, por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza, 1993

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

FONSECA (1984). **Linguística e o ensino da língua materna**. In.: actas do 1º encontro de linguístas portugueses. Lisboa: Faculdade de letras de Lisboa, pp. 257-260

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo. Parte I**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Ediora Vozes, 2009

KRESS, G. **The profound shift of digital literacies**. In: GILLEN, J; BARTON, D. digital literacies: a research briefing by the technology enhanced learning phase of the teaching and learning research programme. London: Literacy Research Centre, Lancaster University, 2010.

LIMA, S. ARAÚJO, J. C. **Relações entre Letramento Digital e Atividades Online no processo de ensino-aprendizagem de Língua Materna em Ambientes Virtuais**. In: GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S. (Orgs.). Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.



MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SAMPAIO, M.C.H. 2006. **O método dialógico-discursivo: aplicações em estudos da memória trabalho**. Trabalho completo. Anais do Simpósio Internacional – Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social, Recife, 2006a . Em Cd-Rom

SAMPAIO, M. C. H. **A propósito de para uma filosofia do ato (Bakhtin) e a pesquisa científica nas Ciências Humanas**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. NR 1, p. 42-56, 2009.

SHETZER, H. e WARSCHAUER, M. **An electronic literacy approach to network-based language teaching**. In: WARSCHAUER, M. e KERN, R. (org.). Network-based language teaching: concepts and practice. Nova York: Cambridge University Press, 2000.

SOBRAL, A.U. **Ato/atividade e evento**. In: BRAIT, B. Bakhtin: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-36

SOUZA, A. G.. **A revista eletrônica em sala de aula: um suporte para gêneros discursivos na esfera digital**. In: Ataíde, C. A. et al.. (Org.). Ensino de língua, literaturas e outros diálogos possíveis. 01ed.Recife: PipaComunicação - Prefixo Editorial: 66530, 2015, v. 01, p. 3117-3133.

SOUZA, A. G.. **Do princípio dialógico e sua correlação com as materialidades discursivas verbo-visuais em plataformas online**. PROLÍNGUA (JOÃO PESSOA), v. 12, p. 137-148, 2017.

SOUZA, A. G.. **A questão das interações em ambientes digitais**. In: Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, 2018, Belo Horizonte. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online. Minas Gerais: UFMG, 2018. v. 1. p. 01-06.

SOUZA, A. G.. **A memória-acontecimento nas materialidades digitais : uma abordagem onto-fenomenológica-discursiva**. Universidade Federal de Pernambuco. Tese, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37801>

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus**. São Paulo: Edusp, 2001.